



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 39

## Posteridade

**Branca Vianna:** Oi, eu sou a Branca Vianna e você tá ouvindo o Rádio Novelo Apresenta.

Tem um romance bem legal de um autor promissor, não sei se vocês já ouviram falar – Memórias póstumas de Brás Cubas, do Machado de Assis. Vale a pena.

O episódio de hoje me fez pensar nele. No que o Brás Cubas chama de “o desdém dos finados”. A liberdade que é morrer e não ter que se preocupar mais minimamente com o que os outros pensam de você. Ele tá falando de como é bom tá morto. E ele diz assim – vou ler aqui o trechinho:

"Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há plateia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte; não digo que ele se não estenda para cá, e nos não examine e julgue; mas a nós é que não se nos dá do exame nem do julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados."

A gente não costuma pensar assim, né? Normalmente, as pessoas ficam preocupadas com o legado que elas vão deixar... com o jeito como elas vão ser lembradas. E se a gente já tem dificuldade de controlar a nossa reputação em vida – que dirá depois que a gente se vai. Se parar pra pensar, dá mesmo um certo pânico.

No episódio de hoje, a gente tem duas histórias sobre pessoas se relacionando com a posteridade. A primeira, que você vai ouvir agora, é sobre um homem que ganha uma fama bem estranha depois de morto.

Com vocês, o Vinícius Luiz.

---

## ATO 1

**Vinícius Luiz:** Essa história que eu vou te contar aqui começa com uma história que eu ouvi muitas vezes quando eu era criança no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, quase na divisa com a Bahia. É uma história com contornos de lenda, mas eu vou te contar exatamente do jeito que eu ouvi.

Aconteceu ali na região, na cidade de Pedra Azul – que na época era um distrito chamado Fortaleza, que não tem nada a ver com a capital do Ceará. Era só um distritinho com o mesmo nome. A gente tá falando do século XIX.

O nosso protagonista se chama Joaquim Antunes de Oliveira, e ele era um fazendeiro muito rico da região. E um dia, depois de passar horas pastoreando o gado dele em cima de uma mula, ele decidiu dar um pulo no centro da cidade.

Só que a mula dele já estava exausta. Perna bamba, ofegante, começando a tropeçar nas coisas. A mãe do Joaquim viu ele subir no bicho pra ir pra cidade e ficou com dó. Ela pediu pra ele dar um descanso pro animal. Dar um tempinho, ou trocar de montaria. Mas o Joaquim ignorou a mãe.

E aí ela desafiou o filho: ela tirou a sela da mula, e devolveu ela pra baia. O Joaquim ficou furioso. Ele pegou de volta a sela, com raiva. Mas ele não botou a sela na mula. Ele colocou nas costas da mãe dele e obrigou ela a carregar ele até a sede da cidade. Dizem que quem viu a cena nunca mais esqueceu. Uma coisa horrorosa.

Naquele dia, a mãe do Joaquim jogou uma maldição sobre ele. Uma série de maldições, na verdade: dali em diante, ele ia ser solitário, nenhuma comida ia saciar a fome dele, e ele nunca mais ia ter paz, nem na Terra e nem no além.

E a gente sabe que praga de mãe pega, né? O resto da vida dele foi assim: do jeito que a mãe rogou. E aí, passado um tempo, o Joaquim morreu. Velório, enterro, tudo normal. Até que o túmulo onde ele foi enterrado rachou. E nessas ranhuras, nasceram cabelos humanos como se fossem ervas-daninhas.

E não para por aí. Bois e porcos começaram a sumir dos pastos. À noite, uma figura metade homem, metade cachorro, tipo um lobisomem, começou a ser vista percorrendo as ruas. Na verdade, ele nem sempre aparecia como lobisomem. Ele tinha – digamos – um caráter mais mutante. Algumas pessoas viam ele como um cachorro gigante, outras como um porco gigante. Teve um que viu uma cabra gigante, e até um sujeito que viu uma mula sem cabeça. Também gigante.

Estava criada a lenda do Bicho da Fortaleza. Ou Bicho de Pedra Azul. Ou ainda Bicho da Carneira, que era como chamavam os túmulos da época. Pros mais íntimos, é só “bicho” mesmo.

A minha infância foi atormentada pelo Bicho de Pedra Azul. Nas semanas do Folclore, quando as escolas trabalhavam as lendas brasileiras, as professoras contavam sobre o Saci, a Mula sem-cabeça, o Boitatá... Nada disso me botava medo. Até chegar a hora da lenda regional. Porque, diferentemente do Saci, que atende em todo o território nacional, o Bicho de Pedra Azul só dá expediente no Vale do Jequitinhonha, e num pedacinho da Bahia. Então seria muito mais fácil eu topar com ele na esquina do que encontrar o Saci no meio de um redemoinho. Pra piorar, ele não é do tipo que só aparece em lua cheia. Então, qualquer vulto perdido numa noite escura podia ser uma aparição do bicho.

Mas, apesar da probabilidade maior, eu mesmo nunca vi o Bicho de Pedra Azul. Ainda bem, porque eu não tenho ideia de qual seria a minha reação se eu ficasse cara a cara com uma assombração dessas.

Bom, mas o tempo passou, eu me mudei do interior pra Belo Horizonte – onde, em tese, o bicho não aparece... Foi aqui em BH que eu me formei jornalista. Daí corta pra 2014, quando estava coordenando um grupo de estagiários da rádio da Universidade Federal de Minas Gerais. E, num dia mais tranquilo na redação, eu comecei a contar pro grupo sobre o Bicho de Pedra Azul. A maioria dos estagiários achou graça – mas um deles falou uma coisa que me pegou desprevenido.

**Levy Guimarães:** Eu tenho quase certeza que eu sou da quinta geração dele.

**Vinícius Luiz:** "Dele", no caso, do Bicho de Pedra Azul. Do Joaquim Antunes de Oliveira. E esse, da quinta geração – o tataraneto do Joaquim – é o Levy Guimarães, que hoje é jornalista do jornal O Tempo, em Brasília.

Apesar da ascendência, o Levy não tem nenhuma pinta de que ele pode se transformar em lobisomem. Quer dizer – na verdade eu não sei exatamente qual seria a feição de um lobisomem em potencial.

**Levy Guimarães:** Quando eu era criança, eu não tinha muita noção, sabe, de que era uma lenda super famosa e tal.

**Vinícius Luiz:** O Levy cresceu em Belo Horizonte. Ele só passava as férias no Vale do Jequitinhonha.

**Levy Guimarães:** Quando eu fiquei um pouco mais velho e já de adolescente para adulto, que eu comecei a escutar as histórias, que foi uma pessoa da minha família, meu tataravô. E aí eu comecei a escutar todas as lendas que contam.

**Vinícius Luiz:** É aquela mesma história de que o Joaquim teria selado e montado na própria mãe. Mas o Levy tinha mais detalhes daquele fim da vida do Joaquim. A vida pós-praga de mãe.

**Levy Guimarães:** Ele teria tido uma doença rara que as pessoas não conseguiam se aproximar dele. E a partir daí, ele foi criando uma barba muito grande, unhas muito grandes e aí tempos depois ele morreu.

**Vinícius Luiz:** Quando eu descobri esse parentesco do Levy com o Bicho de Pedra Azul, teve uma coisa que me despertou a curiosidade: a relação dos Antunes com a assombração.

Acho que toda família tem um parente – ou uma situação do passado – que acaba virando um tabu, né? Que todo mundo evita tocar no assunto. Agora, imagina se essa situação envolve um ser sobrenatural?

**Levy Guimarães:** Eu já vi alguns tios meus mais velhos um pouco, chateados quando ele é retratado de uma forma mais séria, assim, como uma pessoa má, por exemplo.

**Vinícius Luiz:** Só que essa fama de mau não veio do nada. Numa região profundamente religiosa, o Joaquim tinha descumprido o mandamento bíblico de honrar pai e mãe. Então, pros mais velhos da família, devia ser incômodo reconhecer que um antepassado tão ilustre tinha pecado de uma forma tão flagrante. Mas, antes mesmo de agredir a mãe, o Joaquim já era "famoso" na região. Famigerado.

**Levy Guimarães:** Ele era um fazendeiro e era uma pessoa muito influente na região. Ele colecionava algumas inimizades também e aí era tratado como uma pessoa muito respeitada e ao mesmo tempo muito temida.

**Vinícius Luiz:** Então, outros fazendeiros da época também eram respeitados e temidos ao mesmo tempo. Eles também não viveram vidas imaculadas. Mas nem por isso eles passaram a assombrar os moradores de uma região inteira. Faltava entender o que fez o Joaquim ser tão "especial", digamos assim. Então, pra isso, eu fui conversar com o Luís Santiago, que é um historiador que vive em Pedra Azul e já escreveu artigos sobre a lenda.

**Luís Santiago:** Ele foi casado três vezes. Com a segunda, ele não teve filhos, mas ele teve um total de 15 filhos.

**Vinícius Luiz:** E, surpresa, o Luís também é tataraneto do bicho, mas ele descende de um ramo diferente do Levy.

**Luís Santiago:** A terceira esposa era uma cabocla, era uma índia de Jequitinhonha, possivelmente da tribo dos boruns ou botocudos, se chamava Manuela. Que é a mãe da minha bisavó.

**Vinícius Luiz:** E uma coisa que é importante dizer é que não existe comprovação pra nenhum desses causos sobrenaturais envolvendo o Joaquim. Nem pra história original, dos maus tratos à mula – e muito menos dele ter colocado uma sela na mãe. Pode ser que ele tenha mesmo feito isso? Pode. Mas pode não ser também. Eu tenho até dificuldade em imaginar como que isso ia funcionar, sabe, até ergonomicamente.

Você sabe como são essas coisas, né? O tempo e a língua das pessoas vão acrescentando detalhes aqui e ali, e daí a coisa chega num ponto que ninguém lembra mais como começou. Mas, independentemente da veracidade ou não desses causos, o Luís enxerga outros elementos que ajudaram o Joaquim a se transformar no Bicho de Pedra Azul.

**Luís Santiago:** A causa, para mim, na minha opinião, dele ter se transformado em assombração é que essa família é associada ao judaísmo.

**Vinícius Luiz:** Um traço bem antigo do antissemitismo é essa tentativa de associar o judaísmo à magia e aos fenômenos sobrenaturais.

**Luís Santiago:** Então veio um visitador da Santa Inquisição em Salvador.

**Vinícius Luiz:** Foi em 1591 isso.

**Luís Santiago:** E fazendo as investigações dele, ele descobriu que tinha uma esnoga. Seria uma sinagoga no Recôncavo. E essa sinagoga seria do Heitor Antunes.

**Vinícius Luiz:** Antunes. O mesmo sobrenome do Joaquim Antunes de Oliveira, o nosso Bicho de Pedra Azul.

A família passou por um processo que outras famílias judias passaram: diante da perseguição, eles tiveram que deixar a fé pra trás e abraçar o cristianismo. Os descendentes de Heitor Antunes fugiram da região do Recôncavo Baiano e se instalaram às margens do Rio São Francisco. Dali, eles foram descendo pro norte de Minas, até chegar no Vale do Jequitinhonha, onde eles se estabeleceram.

Mas o estigma continuou acompanhando alguns deles. O Antônio Dó Antunes, que foi uma espécie de Lampião do norte de Minas, tinha a fama de ter o corpo fechado. Ou seja, ele teria poderes de se desviar de ataques e se transformar em árvores e pedras diante dos inimigos. Ele ficou tão famoso que até virou personagem do Grande Sertão: Veredas, do Guimarães Rosa. E aí teve o Joaquim, que deixou a vida para virá assombração.

**Luís Santiago:** Tem aquela lenda do judeu errante. Pode ser que tenha influenciado também.

**Vinícius Luiz:** A lenda do judeu errante trata de um homem que teria zombado de Jesus Cristo enquanto ele carregava a cruz na via crúcis. Como castigo, ele teria sido condenado a vagar eternamente pelas ruas das cidades, vestido de preto. O curioso é que uma das versões da lenda do bicho diz que ele costuma aparecer justamente na quinta-feira Santa.

**Luís Santiago:** Então era o dia do bicho por excelência. Aí muita gente fala que ele aparece na Semana Santa. A época da Quaresma, época das assombrações também por excelência, é uma época que ele aparece mais que o normal.

**Vinícius Luiz:** Mais que o normal. É que apesar de ter incorporado a lenda do judeu errante, o bicho não tem data nem local certo pra aparecer. Muito porque ele virou a explicação pra qualquer coisa extraordinária que acontece no Vale.

**Luís Santiago:** Tudo o que aparecia diferente é atribuído a ele, porque ele é a assombração por excelência da região.

**Vinícius Luiz:** Uma dessas lendas tem a ver com o tal apetite infinito do bicho. Lembra que a mãe tinha condenado o Joaquim a sempre sentir fome, nunca ficar satisfeito? Em parte, ele teria resolvido isso comendo bois e porcos nas fazendas. Mas, sabendo desse "desconforto" do bicho, a população também passou a ajudar, deixando pratos com restos de comida na porta de casa durante a noite. Meio por compaixão, meio pra evitar que o bicho entrasse em casa pra roubar comida.

Mas parece que nem sempre essa artimanha funcionava. Tem o caso de um homem muito elegante que aparecia nos restaurantes e pedia comida suficiente pra alimentar umas 12 pessoas.

**Luís Santiago:** Chega na hora do jantar, só ele que aparece e ele come a comida que era para essas 12 pessoas. Aí na hora de pagar a conta, ele fala: "Não, vai cobrar do meu parente fulano de tal, que eu sou da família Antunes e ele é Antunes e ele vai pagar a minha conta".

**Vinícius Luiz:** E, muitas vezes, as pessoas da família acabavam arcando mesmo com a comilança do bicho. iam lá e pagavam a conta.

**Luís Santiago:** Seria, em tese, um golpe.

**Vinícius Luiz:** O Luís acredita que teve muita gente se passando pelo bicho pra bater uma pratada às custas dele e dos Antunes. E, pra família, talvez essa atitude de pagar a conta fosse um jeito de evitar que o parente continuasse tão mal falado. Teve ainda uma outra estratégia, que foi abraçar a história com orgulho.

**Luís Santiago:** Teve uma festa do bicho, teve três edições. Uma em Pedra Azul, eu acho que em 88 ou 89. Uma em Jequitinhonha, outro em Joáima, que é lugares que tem muito, muito, muita gente da família Antunes.

**Vinícius Luiz:** O nome da festa era "Antunes recebe Antunes", com o slogan "É isso aí, bicho". Os familiares se reuniam para comer e beber bastante – o que, de certa forma, era um jeito de honrar a memória do ancestral famoso.

**Luís Santiago:** Isso eu acho que desmistificou um pouco.

**Vinícius Luiz:** Aliás, o próprio bicho parece ter dado sinais de cansaço. Já faz um tempo que não se tem notícias dele. A última foi em 2016, quando imagens de câmeras de segurança teriam flagrado um lobisomem pelas ruas da cidade de Jequitinhonha, ali perto de Pedra Azul. Um site da região logo tratou de fazer a checagem, e mostrou que as imagens, eram, na verdade, uma montagem – e que as ruas nem sequer eram de Jequitinhonha. O pretendo lobisomem em questão estava em Ceilândia, no Distrito Federal – ou seja: fora da área de atuação do bicho.

Mas, voltando a falar da família, nem mesmo o Levy ou o Luís, os dois descendentes do Joaquim, nenhum dos dois nunca viu o tataravô. E diziam que pras gerações anteriores ele costumava aparecer, né?

**Luís Santiago:** Pessoas espíritas já chegaram para mim e falaram que ele apareceu em centro espírita ou alguém baixou ele e que contava que essas histórias atrapalhavam o progresso espiritual da alma dele. Isso foi uma amiga minha espírita que contou.

**Vinícius Luiz:** Então eu já aproveito pra pedir perdão pro bicho por atrapalhar a jornada de progresso espiritual dele lembrando de todas essas histórias aqui.

**Levy Guimarães:** As pessoas, pelo menos da minha família, tratam como lenda urbana mesmo.

**Vinícius Luiz:** Aqui é o Levy de novo.

**Levy Guimarães:** Eu pelo menos nunca vi ninguém levando a sério, literalmente, sabe? E aí, quando vão se referir à pessoa humana dele, sempre se referem com muito respeito e tem um certo orgulho também de ele ser essa pessoa respeitada e importante.

**Vinícius Luiz:** Além de conhecer mais a história do bicho, desde que eu descobri a ligação entre ele e o Levy, eu fiquei bastante curioso sobre como a família enfrentava esse estigma. Eu queria saber, por exemplo, se essa história afetou, de alguma forma, a paz da família Antunes.

**Levy Guimarães:** Eu acho que nunca atrapalhou os meus tios, os meus avós a se desenvolverem. Tanto que a família conseguiu prosperar.

**Vinícius Luiz:** Vale lembrar que, apesar de ter virado uma assombração, o Joaquim era fazendeiro, e deixou uma boa herança pra família. Então, mesmo que eles tivessem que conviver com o estigma de ser descendentes do bicho, eles tiveram condições financeiras pra seguir adiante com a vida e deixar essa história só como mais um caso de família, mesmo.

Mas o Joaquim Antunes de Oliveira acabou se tornando, pra uma região inteira, um monstro que serve como exemplo do que não ser. “Respeita a sua mãe pra você não virar o bicho de Pedra Azul”.

Agora: o que, afinal, significa ser um monstro? O que pode ser considerado monstruoso? Eu entendo que é a linha que divide o que é aceitável daquilo que afronta os nossos valores. Quando uma pessoa atravessa essa linha, a gente revoga a humanidade dela. Só que, por mais que essa linha pareça inegociável, ela não fica parada sempre no mesmo lugar. Ela se mexe.



O Joaquim foi um grande fazendeiro no século 19. Quer dizer: ele foi um senhor de terras no período da escravidão. Pelo que se sabe, ele manteve negros e indígenas como escravizados dentro das propriedades dele.

Olhando de hoje em dia, isso já é motivo suficiente pra ele ser tratado como uma pessoa abominável. Mas, no século 19 – a gente tá cansado de saber –, a escravidão era socialmente aceita. Era normal o sequestro, o abuso, a exploração de pessoas negras e indígenas. Então, pra virar monstro, o Joaquim teve que maltratar um bicho e bater na própria mãe.

Eu não tenho como saber o que o Joaquim fez ou deixou de fazer. Se aquela cena dele com a mula e a mãe aconteceu de verdade. Eu só não consigo deixar de pensar que era conveniente, de certa forma, ter um único bicho do Vale do Jequitinhonha. Um único monstro. Um lobisomem que ofuscasse todo o resto da maldade.

---

**Branca Vianna:** Esse foi o Vinícius Luiz, que você talvez conheça do podcast “Pelo Averso”, que ele faz com a Jéssica Almeida. Se você não conhece, corre lá pra ouvir, porque é bom demais.

Mas, continuando aqui no tema do programa, que é a posteridade, a gente vai falar agora de um homem que tá tentando construir o maior legado possível enquanto dá tempo.

Neste próximo ato do Rádio Novelo Apresenta, a gente traz uma história que envolve sexo e pode ser sensível pra alguns ouvintes.

---

## ATO 2

**Branca Vianna:** Uns sete anos atrás, a Cláudia e a mulher dela – que hoje é ex-mulher – estavam naquele momento clássico da vida de muitos casais: a hora de conversar sobre ter filhos. Tem casal que passa anos discutindo isso, colocando cada pontinho na balança. Mas, no caso delas, a questão central não estava no ter ou não ter, mas no como.

**Claudia:** E a gente estava falando sobre o curso de adoção que a gente tinha feito, né?

**Branca Vianna:** Elas andavam estudando bastante sobre o processo de adotar uma criança, mas ainda não tinham certeza se esse era o caminho que elas queriam seguir. E elas já tinham riscado da lista uma outra opção, que era fazer inseminação artificial numa clínica. Pelo SUS, era complicado. E, pelo particular, custa caro. Estava fora do alcance delas.

**Claudia:** Aí a gente viajando assim numa conversa, a gente pensou assim "nossa, mas será que se..."

**Branca Vianna:** Será que não tem uma terceira opção?

**Claudia:** A gente lembrou daquela novela que a mulher engravidou com a camisinha, sabe?

#### **Trecho Insensato Coração**

**Pedro:** Ela me contou como ela engravidou. Você pegou minhas camisinhas usadas e deu pra ela!

**Branca Vianna:** Por incrível que pareça, tem mais de uma novela em que uma personagem engravida se inseminando com uma camisinha roubada. Mas essa cena aqui é de "Insensato Coração", de 2011.

#### **Trecho Insensato Coração**

**Léo:** Pedro, que história maluca é essa?

**Branca Vianna:** A Irene, que é a personagem da Fernanda Paes Leme, engravida usando uma camisinha usada do primo dela, o Pedro, que é interpretado pelo Eriberto Leão. E esse outro que aparece na cena se fazendo de sonso é o Léo – o Gabriel Braga Nunes –, que foi quem cavucou o lixo do Pedro pra achar a camisinha e dar pra Irene se inseminar.

Tranquilo, apenas mais um dia normal na televisão brasileira. Claro que a Cláudia e a mulher dela não estavam pensando num plano assim tão novelesco. Mas elas foram fisgadas por essa possibilidade de usar o sêmen de alguém pra se inseminar em casa mesmo.

No caso, a inseminada ia ser a Cláudia. Era ela que ia engravidar. E, no caso, o doador de sêmen não ia ser um desavisado, igual na novela. Ele ia ter que topar entrar com o ingrediente que faltava.

**Claudia:** Aí a gente pensou assim: "Será que não daria pra engravidar com uma seringa, por exemplo?"

**Branca Vianna:** Pega o sêmen com uma seringa e pá, injeta pra dentro do canal vaginal. Quem sabe dá certo.

**Claudia:** E aí a gente jogou no Google "gravidez com seringa", e apareceu várias páginas no Facebook de inseminação caseira.

**Branca Vianna:** Elas foram parar num universo que já estava crescendo naquela época, e que hoje é maior ainda.

**Branca Vianna:** Explica como é que funciona a inseminação caseira, que isso é outra coisa que meio que me deixa meio perplexa, eu nunca tinha pensado nisso.

**Branca Vianna:** Quem me levou pra esse mundo foi a Bia Guimarães, que é produtora aqui do Rádio Novelo Apresenta.

**Bia Guimarães:** Pra ser sincera, eu também não sei se eu sabia. Você sabia, Ana, antes da gente propositalmente ir olhar?

**Ana Pinho:** Não...

**Branca Vianna:** E a Ana Pinho, que é jornalista também. Faz mais de um ano que as duas tão mergulhadas no assunto da reprodução humana e dos jeitos "alternativos" de fazer isso acontecer. Uma parte dessa apuração elas usaram na última temporada do podcast 37 Graus, sobre hereditariedade.

**Ana Pinho:** E aí a gente caiu no buraco do coelho.

**Branca Vianna:** Não demorou pra elas caírem de cabeça nesses grupos de inseminação caseira no Facebook, que a Cláudia estava contando. São lugares onde as pessoas que querem engravidar – as chamadas tentantes – acham os caras que tão oferecendo o próprio sêmen. E vice-versa.

**Claudia:** Na primeira página que a gente entrou, era uma comunidade bem grande. Tinha vários comentários de meninas dizendo que tinham engravidado, tinha foto das crianças...

**Branca Vianna:** A Cláudia e a mulher dela ficaram surpresas. Aquela ideia aparentemente maluca que tinha passado pela cabeça delas realmente existia. E estava sendo usada por milhares de pessoas.

**Claudia:** E na própria descrição lá do grupo tinha como que era feito o procedimento e tal...

**Bia Guimarães:** O método, eles costumam chamar de "Método da seringa". Então, basicamente, você encontra esse doador de sêmen, vocês se encontram presencialmente porque tem que ser muito rápido, tem que ser na hora pra ter uma eficácia legal. O doador fica num quarto ou no banheiro, alguma coisa. Aí ele, de modo geral, ele se masturba, coleta esse sêmen com uma seringa, sai do banheiro – ou onde quer que ele estivesse – e entrega essa seringa na mão da pessoa que vai se inseminar, né, mas o que geralmente acontece é que eles vão em casais, né? Casais de mulheres, o maior público da inseminação caseira. Então uma vai ser inseminada e a outra vai ajudar. E aí faz essa inseminação com a seringa, pela vagina mesmo, e injeta esse sêmen lá dentro.

**Branca Vianna:** Injeta lá dentro e o resto você já sabe. É torcer pra um espermatozóide encontrar o óvulo e pra esse encontro dar em gravidez.

Como deu pra perceber só com essa descrição – e como o nome já diz –, a inseminação caseira é um negócio que acontece na informalidade, em casa, mesmo. É bem diferente de escolher um doador anônimo num banco de sêmen, e depois fazer a inseminação artificial numa clínica.

Nesse processo mais formal, rola uma triagem do sêmen, tem fiscalização, tem profissional de saúde envolvido. Até pra evitar da pessoa pegar alguma doença, ou de passar alguma coisa pro bebê.

Mas por vários motivos – que vão desde o preço alto até a vontade de conhecer o dono do sêmen que você vai usar – tem muita gente que segue o caminho da inseminação caseira. Que apesar de não ser recomendada pelos médicos, não é proibida aqui no Brasil.

**Ana Pinho:** Ela vive num limbo. Ela não é nem proibida nem regulamentada. Ela existe.

**Branca Vianna:** O que é proibido por aqui é vender qualquer tipo de material biológico humano. Isso inclui, claro, vender óvulo e sêmen. Só pode fazer doação. Então, pelo menos em teoria, as negociações que rolam nesses grupos de

Facebook envolvem só uma ajuda de custo, pro doador do sêmen ir se encontrar com a pessoa que quer engravidar.

**Ana Pinho:** Uma passagem de ônibus, uma estadia numa pousada, alguma coisa assim...

**Branca Vianna:** O produto é grátis. O frete, nem sempre.

Bom, a Cláudia e a mulher dela encontraram nesse universo a terceira via que elas estavam buscando. Elas não iam ter que se endividar com uma clínica, nem fuçar no lixo de ninguém.

E logo naquele primeiro grupo de Facebook onde elas caíram, que estava cheio de histórias de quem já tinha feito inseminação caseira, elas ficaram sabendo de um potencial doador.

**Cláudia:** Ele tinha boas referências. Todas as pessoas com quem a gente falou, falou que era tranquilo. Ele tinha muitas crianças nascidas de inseminação caseira...

**Branca Vianna:** Além desse cara ter muitos "positivos" no currículo – que é como eles chamam quando a gravidez dá certo –, ele tinha as características físicas que a Cláudia e a mulher dela estavam procurando. Porque, nesses casos, muita gente procura um doador que seja parecido com a outra metade do casal. Ou seja, se forem duas mulheres, você procura um doador que seja parecido com aquela que não é a dona do óvulo que vai ser usado. Pra criança parecer uma misturinha das duas.

**Cláudia:** Minha esposa, ela era loira, de olhos claros...

**Branca Vianna:** Aquele doador também era loiro de olhos claros. Aprovado.

**Cláudia:** Aí eu entrei em contato com ele pelo próprio Face. Ele me mandou as regras lá que ele tem, como que era feito o procedimento, falou que podia ser na casa dele ou num hotel.

**Branca Vianna:** Ele estava em São Paulo, e a Cláudia mora no litoral norte do estado. Mas dali a poucos meses ela ia fazer um curso pertinho da capital. E, por coincidência, a data do curso ia bater certinho com o período fértil dela. Era o momento ideal pra fazer a inseminação.

Como elas já tinham conversado com outras mulheres, e estavam seguras de que o cara não era um golpista, nem um abusador, elas toparam fazer na casa dele mesmo. Elas combinaram de passar a noite lá e pagar uma espécie de diária de hospedagem, que era de 100 reais por dia, por pessoa.

**Cláudia:** Chegamos lá na casa dele de noite já, e a esposa dele estava grávida de nove meses. Aí a gente conheceu alguns filhos deles que estavam lá na casa.

**Branca Vianna:** É sempre um pouco constrangedor chegar de mala e cuia na casa de um desconhecido. Imagina então numa situação em que você tá lá pra usar o sêmen desse desconhecido e tentar engravidar.

**Claudia:** Aí a gente sentou no sofá, nós quatro: eu, ele, a esposa dele, e minha esposa. Conversando assim, mas era uma conversa meio, ai... não fluía, sabe? Aí ele veio, trouxe os exames dele atualizados pra gente ver e tudo...

**Branca Vianna:** Os exames estavam ok. E ficou combinado que a operação ia acontecer quando as crianças já tivessem dormindo.

**Cláudia:** E aí eu logo quis subir pro quarto pra ficar no particular, assim, porque eu achava a situação... Ai, é uma situação bem bizarra, vou falar pra você. Aí a gente se acomodou e foi dormir. Na madrugada a gente escutou bater na porta. Era a esposa dele trazendo a seringa.

**Branca Vianna:** Encomenda entregue. O resto do procedimento ficou por conta da Cláudia e da mulher dela.

**Cláudia:** Não foi uma experiência agradável. E eu rezava pra dar certo porque eu não queria passar por aquilo de novo.

**Branca Vianna:** E deu certo. Veio um menino, que agora já vai fazer seis anos.

A Cláudia sabia que aquele doador tinha outros filhos de inseminação caseira. Esse até tinha sido um dos critérios pra escolha, né? O currículo dele.

Mas naquela época ela não tinha ideia do tamanho que o currículo desse cara ia alcançar. Que aquela lista de testes positivos de gravidez ia crescer até – supostamente – passar de uma centena.

**Ana Pinho:** É até difícil, quando você está pesquisando esse universo, de você não chegar nesse cara. Você tem que se esforçar pra não chegar nele.

**Bia Guimarães:** Pronto, estamos prontas.

**Ana Pinho:** Estamos prontas? Então tá certo...

**Jocax:** Oi, eu sou João Carlos, conhecido como Jocax.

**Branca Vianna:** Jocax é o apelido do João Carlos Holland de Barcellos. A Bia e a Ana foram fazer essa entrevista na casa dele, na Zona Oeste de São Paulo. Na mesma casa onde ele tem recebido as tentantes nos últimos tempos – onde ele mora com um cachorrinho que, como você vai perceber, queria muito aparecer na gravação.

**Ana Pinho:** E então, se a gente pedisse para você fazer o seu anúncio aqui, só pra gente ter uma noção, você faria como?

**Jocax:** Eu faria o seguinte: sou doador de sêmen, 66 anos, loiro de olhos azuis, 1,80m, tipo sanguíneo O negativo. Com pós-graduação na USP.

**Ana Pinho:** E o número de positivos?

**Jocax:** Com mais de 100, pelo menos mais de 100 positivos na ficha.

**Branca Vianna:** Ele diz "mais de 100" porque, na verdade, ele já perdeu as contas.

**Ana Pinho:** E a gente está falando de 100 positivos ou 100 filhos?

**Jocax:** 100 filhos, positivos foi mais. Algumas perderam, algumas não deram mais feedback pra saber se nasceu, se não nasceu.

**Branca Vianna:** O Jocax acha que pode ter uns 120 filhos dele, de inseminação caseira, espalhados por aí. E essas são só as tentativas que deram certo. O que significa que o número de doações que ele fez deve ser muito maior que isso. Mas não tem como a gente checar esse número, justamente porque não existe um registro formal de nada disso. Quem vê ele andando por aí nem imagina essa vida paralela que ele leva.

**Ana Pinho:** Qual é a sua formação, Jocax?

**Jocax:** Eu fiz Física na USP e depois fiz computação na USP também. Depois mestrado na Politécnica da USP.

**Branca Vianna:** No horário comercial, o Jocax é analista de sistemas também na USP, a Universidade de São Paulo. E nas horas vagas ele é doador de sêmen num nível quase que profissional – se essa profissão existisse.

**Ana Pinho:** E os seus colegas de trabalho sabem do seu trabalho paralelo, por assim dizer?

**Jocax:** Sabem, sabe sim. Todo mundo sabe.

**Ana Pinho:** Todo mundo sabe?

**Jocax:** Todo mundo sabe.

**Branca Vianna:** A inseminação caseira virou uma parte tão grande da vida do Jocax que, mesmo que ele quisesse, ia ser difícil esconder isso das pessoas que convivem com ele. E, na verdade, essa história começou muito antes de existirem os grupos de Facebook.

**Jocax:** Bom, eu lembro quando eu era meio adolescente, eu me achava especial. Especial no sentido de diferente dos outros.

**Branca Vianna:** Ele diz que era muito tímido, e que se descobriu ateu com 12 anos. Enquanto os outros meninos estavam lá, brincando, ele queria ficar discutindo sobre Deus – ou sobre a não existência de Deus.

**Jocax:** Eu adorava ser diferente. E eu achava que eu queria, de alguma forma eu já queria me preservar na minha especialidade, de alguma forma eu achava que os filhos iam ser um pouco de mim, talvez, mesmo sem ter o conhecimento que eu tive depois, entende? De genética e tal. Eu já mais ou menos intuía isso.

**Branca Vianna:** Foi um pouco mais tarde, quando o Jocax começou a ler sobre a genética e a evolução das espécies, que ele passou a levar ainda mais a sério essa ideia de ter filhos.

**Jocax:** Bom, se você for estudar biologia, você vai ver que todos os seres vivos, absolutamente todos, eles foram, digamos, evoluídos, filtrados por seleção natural para perpetuar seus genes, que é fazer com que os genes sobrevivam às gerações.



**Branca Vianna:** É um pouco aquilo que a gente aprende na escola, que os organismos mais adaptados são aqueles que conseguem sobreviver, se reproduzir e, conseqüentemente, passar seus genes pra frente.

Só que a linha de pensamento que o Jocab defende vai além. É uma ideia de que nós humanos, os outros animais, as plantas, a gente tá só dando uma carona pros nossos genes.

**Jocab:** A gente é uma espécie de casca. Quer dizer, eles foram criando estruturas para eles, os genes, sobreviverem.

**Branca Vianna:** Talvez você esteja reconhecendo essa teoria daquele livro "O Gene Egoísta", que o Richard Dawkins lançou em 1976. O Dawkins é um biólogo evolucionista famoso, e no livro ele fala dessa teoria de que os seres vivos são as ferramentas ou as "máquinas" que os genes usam pra sobreviver. Os genes é que estão no centro da evolução, não as espécies.

Mas, a partir daí, a filosofia do Dawkins e a do Jocab seguem caminhos diferentes. Porque, enquanto o Dawkins acredita que, sabendo de tudo isso, a gente pode escolher ir contra os nossos genes, o Jocab defende que os genes são a nossa essência. E que a gente não deve ir contra eles.

Ele chama essa filosofia, que ele mesmo inventou, de genismo – genismo de gene, começando com G. Não confundir com eugenismo ou higienismo.

**Jocab:** Então o genismo diz, primeira coisa: "Você não deve ir contra seus genes e seus genes querem se perpetuar". Não precisa sendo ter filhos, pode ser de outra forma. Ajudando a família, monte de coisa que tem seus genes. Até ajudando a espécie humana também. E a segunda parte é a parte, que é a parte do genismo que eu diria que ela é ideológica. Que diz: você são seus genes, você está nos seus genes.

**Branca Vianna:** O Jocab tem um site e já até escreveu um livro sobre o genismo, apesar dele falar que essa não é a teoria mais importante que ele criou. E ele leva os princípios do genismo ao pé da letra.

**Ana Pinho:** A ideia é que ele meio que trabalha para o gene dele.

**Branca Vianna:** Ele está a serviço do gene, da transmissão do gene dele para as futuras gerações?

**Ana Pinho:** Isso.

**Jocax:** Então, se você for contra esses genes, tipo ser um padre, ser celibatário, ser qualquer coisa assim, você não sabe, mas você está indo contra os genes e, de alguma forma, você vai estar cortando alguma parte da sua felicidade plena.

**Branca Vianna:** Pra ele, passar os genes pra frente também é uma questão de sobrevivência.

**Bia Guimarães:** Passar os genes adiante seria uma forma de alcançar a imortalidade por natureza, assim.

**Jocax:** Seria uma forma de você sobreviver à morte sem ter uma alma, sem ter Deus, sem nada.

**Ana Pinho:** Então eu preciso que os meus genes sejam passados para frente pra eu existir de alguma forma no mundo. E quanto mais filhos, melhor.

**Branca Vianna:** Foi assim que, anos antes de o Jocax imaginar que a inseminação caseira existia, ele decidiu que ele ia ter quantos filhos ele pudesse.

Ele teve dois filhos com a primeira mulher, oito com a segunda, e quatro com a terceira. E se você se perdeu na conta, eu te ajudo: deu 14. 14 filhos. O que pros princípios dele, estava muito pouco.

Até que, no final de 2015, essa mulher mais recente do Jocax – que agora é ex – descobriu o universo da inseminação caseira. E apresentou a ideia pra ele.

**Ana Pinho:** Porque ele falou pra ela: "Eu vou ter filho com quem quiser ter filho comigo".

**Branca Vianna:** Ele, casado com ela, falou que ia ter filho com quem quisesse ter filho com ele?

**Ana Pinho:** Isso.

**Jocax:** E pra mim, filho é tão importante que não importava se fosse com ela. Entendeu? Se aparecesse uma mulher querendo filho, eu ia ter filho com ela. Mesmo se representasse uma traição, porque para mim o filho era mais importante que o relacionamento. Aí minha ex-mulher descobriu um site no

Facebook de inseminação caseira e falou comigo. Eu falei: "Opa, caiu do céu, filho é comigo mesmo".

**Branca Vianna:** Pro Jocax, esse era o caminho perfeito pra espalhar os genes dele o máximo possível. E pra mulher dele, era a solução pra manter o casamento de pé sem impedir que ele tivesse uma porção de filhos por aí.

Os dois abraçaram essa empreitada juntos. O Jocax começou a se anunciar nesses grupos de Facebook, e foram chegando as tentantes interessadas. Ele organizava o esquema com elas, e aí, no dia marcado, a mulher dele ajudava com tudo. Com tudo, mesmo.

**Ana Pinho:** Que a maioria dos doadores, eles se masturbam num potinho, alguma coisa do tipo, e colocam numa seringa. Ele não, ele não não gosta desse aspecto da masturbação, pra ele só através do ato. Então, toda doação dele provém de um ato sexual.

**Branca Vianna:** Ele está transando com uma mulher e esse sêmen vai parar na outra, que tá no outro quarto?

**Bia Guimarães:** É, exatamente.

**Branca Vianna:** Pra ele, só funciona assim. Na época que ele estava com essa mulher, era ela que transava com ele pra ele poder ejacular num potinho daqueles de coleta, e passar o sêmen pra uma seringa. Aí ela pegava a seringa e ia lá bater no quarto da tentante.

Lembra que a Cláudia contou que, quando ela foi pra casa do Jocax fazer a inseminação, a mulher dele estava grávida de 9 meses? E que foi ela quem bateu na porta do quarto de madrugada pra levar a seringa? Então, era essa mulher.

**Bia Guimarães:** Essa ex-esposa que ajudava ele nessa época, que apresentou ele para o mundo da inseminação caseira, ela mora na casa dele hoje, apesar de eles não estarem juntos.

**Branca Vianna:** Hum.

**Jocax:** Ela mora com namorado na parte de baixo da casa e eu moro na parte de cima.

**Branca Vianna:** A Bia e a Ana até tentaram entrevistar ela pra pegar mais detalhes dessa história, mas ela não topou.

**Ana Pinho:** E quem te ajuda hoje em dia?

**Jocax:** É uma ex-namorada minha que é amiga minha. Ela me ajuda de vez em quando.

**Branca Vianna:** Segundo ele, o esquema que ele faz pra ter sempre uma ex ou uma amiga disposta a "ajudar" ele nessa missão é repassar pra ela a ajuda de custo que ele recebe das tentantes. Que é a diária que ele cobra pros casais passarem a noite na casa, com direito a banho, internet e café da manhã. Ele disse que no começo ele cobrava 100 reais, depois subiu pra 200.

**Jocax:** Aí eu dou o dinheiro do aluguel para minha namorada que vai ajudar. Eu não fico com nada. Eu só quero filho.

**Branca Vianna:** O Jocax contou que, no auge da carreira dele como doador, ele recebia duas ou três tentantes por semana. Ele passou a ser muito procurado nos grupos e tinha sempre mensagem chegando pelo Facebook ou pelo Whatsapp.

E ele acha que foi por causa dessa fama toda que ele ficou visado, e acabou indo parar na TV. Em 2019, o programa Aqui na Band colocou uma infiltrada pra ir na casa dele – se fingindo de tentante. Ela registrou o processo todo.

**Apresentador:** Exclusivo! O Aqui na Band teve acesso a um esquema de inseminação caseira.

**Branca Vianna:** Aí, no ano seguinte, ele recebeu a denúncia de que ele e a ex-mulher estavam mantendo uma clínica clandestina na casa.

**Jocax:** Aí veio a polícia aqui, foi aquele bafafá, né?

**Branca Vianna:** E de novo ele foi parar na TV.

**Apresentador:** A reportagem que chegou agora mostra a polícia de São Paulo fechando uma clínica clandestina de fertilização.

**Branca Vianna:** Esse trecho é do Balanço Geral São Paulo, da Record.

**Apresentador:** “Cadê a clínica, que eu não estou vendo?” Eu também não, porque é uma casa. É nesta casa que a clínica funciona.

**Branca Vianna:** No vídeo, a gente vê a fachada da casa do Jocax, onde a Bia e a Ana foram pra entrevistar ele. Na sequência, eles mostram uma mesa com um monte de produtos de farmácia que a polícia apreendeu lá.

**Jocax:** Na época eu vendia uns kit para quem quisesse fazer a espécuro. Era umas coisas, seringa, um monte de coisa no pacote.

**Branca Vianna:** O Jocax e a mulher dele na época tiveram que prestar depoimento na delegacia e ficaram um tempo sem fazer inseminação, com medo de dar problema.

**Jocax:** Na verdade, o processo está rolando até agora. Estão tentando pegar a prova, mas não tem prova de clínica clandestina. Mas eles não acharam nada porque não tem nada de ilegal, entende? Por isso, então, eles estão tentando ainda.

**Branca Vianna:** Depois que a poeira baixou, ele retomou a rotina. Só que agora, mais discreto.

**Jocax:** Pra não provocar muita celeuma, eu não me anuncio mais. A pessoa conhece é de pesquisa mesmo.

**Branca Vianna:** Mas nas redes sociais, vira e mexe o Jocax posta o contato dele e informações pra quem tem interesse na inseminação. Às vezes tem link pros exames atualizados dele, ou dicas pras tentantes sobre o ciclo menstrual, sobre como usar teste de ovulação, sobre os melhores dias pra fazer o procedimento...

E também tem links que podem servir de atrativo pra quem tá procurando um doador. Tipo o currículo dele, artigos científicos que ele já publicou, e até o teste de ancestralidade dele. Sabe aqueles sites que fazem árvore genealógica e mapeiam a sua origem étnica?

O teste do Jocax mostra que a origem dele é uns 45% do norte e leste da europa, uns 25% ibérica, mais uns 22% italiana. Nas selfies que ele posta, os olhos azuis tão sempre em destaque.

Todo mundo que passa por esse processo de escolher um doador pra ter um filho tem a chance de fazer escolhas que a reprodução "mais tradicional", digamos assim, não permite.

Você se vê ali com um catálogo de possibilidades na mão. Dá pra evitar alguém que tem predisposição a alguma doença. Dá pra tentar escolher uma pessoa com

interesses e hobbies que você considera legais, ou com traços de personalidade que você gosta – mesmo sabendo que no geral as pessoas não vão falar mal de si mesmas, e que nem tudo que a gente é tá escrito nos nossos genes.

E depois tem a aparência física, claro, que fica sujeita a todo tipo de filtro que alguém possa ter, das preferências aos preconceitos. A Bia chegou a conversar com outro doador de sêmen.

**Bia Guimarães:** O nome dele é Moisés Rodrigues.

**Moisés Rodrigues:** Eu trabalho atualmente como auxiliar de almoxarifado.

**Bia Guimarães:** Foi interessante ter conversado com ele porque ele tem um perfil completamente diferente do João. Ele é um homem negro...

**Branca Vianna:** O Moisés contou que antes de embarcar na inseminação caseira, ele procurou um banco de sêmen pra tentar fazer a doação pelo caminho mais formal.

**Bia Guimarães:** E ele falou que ele e outros doadores negros já sofreram discriminação em banco de doação de semen.

**Branca Vianna:** Que de querer doar e o banco dizer não, não quero homens negros?

**Bia Guimarães:** De dar uma desculpa que eles percebem que é discriminação racial, de pensar: “Ah, o espermograma não está tão bom”. Mas aí do amigo branco que está igual esse espermograma tá ótimo, entendeu?

**Moisés Rodrigues:** É altamente segregador. Tanto é que não só eu como outros outros doadores que tinham esse perfil mais afro, eles inventam qualquer coisa para tirar do cadastro, ou nem realiza.

**Branca Vianna:** Não é exatamente surpreendente o fato de que esse mercado da reprodução não tá imune ao racismo e aos padrões de beleza. O Jocax acredita que a aparência dele é a segunda coisa mais atrativa pras tentantes.

**Jocax:** Muitas querem ter filho de olho claro e pele branca. Então acho que o primeiro lugar é a segurança e depois é o tipo físico.

**Branca Vianna:** A segurança é aquilo que a gente já falou: de ele ter referências de outros casos bem sucedidos, de mulheres falando que ele foi bacana, enfim. E o tipo físico é a pele branca, os olhos azuis, os 1,80 de altura e o cabelo que hoje é grisalho, mas que um dia foi loiro.

Lembra que esse foi um dos motivos pra Cláudia escolher o Jocax? A mulher dela tinha características parecidas, e aí, pelo menos na fisionomia, o filho ia poder ser essa misturinha das duas. Mas nem sempre é essa tentativa de mistura que guia a escolha. A Bia conversou com uma outra mulher que fez inseminação com o Jocax. A Fernanda.

**Fernanda:** Eu sou de Foz do Iguaçu, tenho 38 anos e sou professora.

**Bia Guimarães:** A Fernanda foi a terceira nessa lista de centenas dele. Então foi lá no comecinho.

**Fernanda:** Tanto que meu filho, ele é o terceiro filho de inseminação do João, e é o primeiro filho homem.

**Branca Vianna:** Ela encontrou o João muito rápido, pelas características que ela queria, mas também porque tinha muito poucos disponíveis naquela época.

**Branca Vianna:** E quais são as características que ela queria?

**Fernanda:** Eu sempre quis ter uma criança assim, loirinha, bem clarinha. Era um desejo meu, né?

**Branca Vianna:** A Fernanda é uma mulher branca, mas tem olho castanho e cabelo castanho. Na época, ela era casada, mas a mulher dela já tinha filhos de outro relacionamento, e elas não faziam questão dessa misturinha.

**Fernanda:** Que normalmente faz isso quando as pessoas nenhuma tem filho. E daí fala: "Não, vamos procurar uma pessoa parecida". Mas no nosso caso não. Eu mesmo que escolhi por questão de aparência... Aí eu vi o João e gostei da fisionomia da pessoa dele, do físico, vamos se dizer a princípio, né? Aí depois eu vi que também o João, ele é assim, bem o oposto de mim. O João é da área de exatas e eu sou da área de humanas. O João gosta de ler bastante. Eu já não sou muito da leitura. Ele parece ser uma pessoa bem inteligente. Não que eu não seja, mas assim, eu sou esforçada, né?

**Branca Vianna:** A Fernanda viajou mais de mil quilômetros pra fazer o procedimento com o Jocax. E hoje o Theo, o filho dela, tem sete anos.

**Fernanda:** Eu não sei se é pela convivência, que não convive também, mas ele não tem nada do João. Ele é a minha cara e a cara da minha irmã (ri).

**Branca Vianna:** Quando o Jocab tomou aquela decisão de ter muitos filhos e de passar os genes dele pra frente o máximo possível, teve dois motivos que fizeram ele embarcar na inseminação caseira em vez de doar para um banco de sêmen.

O primeiro motivo é que, aqui no Brasil, a doação formal de gametas é anônima. Você consegue saber as características do doador, mas não dá pra ver foto dele nem conversar com ele. O Jocab é contra esse anonimato. Ele quer que as tentantes – e os filhos que elas vão ter se tudo der certo – saibam quem ele é.

**Jocab:** Quando você pega um sêmen de doação, você não sabe se o cara é bolsonarista. Se o cara é ex-presidiário, se o cara é muito feio, porque não tem foto. Se o cara é burro. Se o cara foi um estuprador. Você não sabe nenhum aspecto psicológico dele.

**Branca Vianna:** Ele até escreveu uma carta – a "Carta aberta ao meu filho/filha de IC" – IC, inseminação caseira. Essa carta tá online pras crianças que nasceram da doação dele poderem acessar no futuro.

Lá ele conta tudo o que ele acha importante que os filhos saibam. Ele fala sobre as coisas boas e ruins da família dele. Sobre a timidez que acompanha ele desde criança. Sobre ele ser ateu e de esquerda. Sobre as mulheres e os filhos que ele teve. Sobre a escolha de virar doador. Sobre o genismo e outras teorias que ele criou.

Ele conta que esse filho ou filha que tá lendo a carta tem mais de 100 meio-irmãos por aí, e que seria legal eles se manterem unidos e se ajudarem. Ter esse contato também deve ser útil pra evitar que um filho acabe se interessando por outro sem querer – porque, afinal, é muito filho.

**Jocab:** É só quando eles forem namorar, perguntar: "Quem é seu pai?". E acabou. "Meu pai é o Jocab", "Ah o meu também". "Ah que legal! Bem-vindo, irmãozinho".

**Branca Vianna:** E o segundo motivo que fez o Jocab escolher a inseminação caseira é que ele também quer saber onde é que os genes dele tão indo parar. Até pra garantir que eles estão, mesmo, indo adiante.



**Jocax:** Pra mim o mais importante é saber que um filho nasceu, que está bem e tudo. Mas pras tentantes, eu nunca me recuso a reconhecer ele. Se quiser visitar, vem visitar. Muitas vêm visitar, algumas mantêm contato, frequentam a casa de vez em quando, entende. Tem doador que fala tal e tal, não quer mais saber, "esquece de mim". Eu não, sou um cara que se o filho quiser ficar, passar o dia aqui, pode. Entendeu? Eu nunca me neguei a reconhecer o filho, ter contato com ele, é uma coisa até que eu gosto, entende? Mas a maioria das mães, elas não, elas evitam. Não sei porque, elas preferem ter, porque elas são casadas com outras mulheres e não querem ter muito, assim, contato. Elas querem como se fosse uma doação de clínica, assim, sabe? A maioria, mas algumas querem.

**Ana Pinho:** E te chamam como? Tio Jocax?

**Jocax:** Ah, alguns falam: ah esse aqui é o João, algumas mães. Depende da mãe, entendeu? "Ah esse é seu pai", não sei o que. Fala que é o pai. Tudo bem, né? Sou o pai mesmo. Eu não me nego a nada, mas algumas mães preferem ter tipo, tipo assim, conhecer mas sem ter o contato de pai. Quer dizer, dou toda a liberdade para elas, o filho é delas. Assim, não interfiro em nada.

**Branca Vianna:** A Fernanda é uma dessas mães que costumam visitar de vez em quando. Uma vez por ano ela leva o Theo pra ver o Jocax.

**Fernanda:** Falei que o papai João deu a sementinha para a mamãe Fernanda engravidar, né? Ele sabe, na cabecinha dele, que ele tem duas mães, né? E que o João é o pai dele, que todo mundo pergunta e ele fala: "Meu pai tá em São Paulo, meu pai mora lá".

**Branca Vianna:** Se de um lado dessa história tem um homem em busca da imortalidade, do outro, tem uma porção de famílias que se formaram. E muitas acabam tendo contato entre si.

Toda vez que entra uma positiva nova pra lista, o Jocax coloca ela num grupo de WhatsApp chamado "Positivas com Jocax". Também tem uma comunidade de Facebook com cem pessoas, mas ele acabou perdendo o controle da situação e já nem sabe se quem tá lá é positiva ou não.

**Ana Pinho:** E aí nesse de WhatsApp, você está nesse grupo?

**Jocax:** Eu estou no grupo.

**Ana Pinho:** A gente pode olhar?

**Jocax:** Pode. Tan tan tan, "Positivas com Jocax".

**Branca Vianna:** Quando a Ana e a Bia foram na casa dele, o grupo tinha entre 30 e 40 participantes. Ele disse que muitas entram e saem depois de um tempo. Lá o assunto principal são as crianças. As mães compartilham fotos, vídeos, novidades... E naquele dia tinham postado a foto do ultrassom de um bebê que estava a caminho. Também é nesse grupo que elas organizam encontros de vez em quando. E depois, claro, postam as fotos lá.

**Ana Pinho:** Uau.

**Bia Guimarães:** Descreve essa foto pra gente.

**Jocax:** Ah, é uma foto que estão numa espécie de uma garagem, um galpão de uma casa com cerca de umas 20 mães com os 20 filhos no colo.

**Branca Vianna:** Apesar de visitar o Jocax sempre que dá, a Fernanda não costuma participar muito do grupo. Já com a Cláudia, é o contrário. Ela prefere não ter muito contato com o Jocax, mas se encontrou nessa comunidade das positivas.

**Claudia:** Porque realmente ele não é o pai do meu filho. Mas o grupo que se formou foi muito gostoso e eu acabei fazendo amizade com algumas mães. Já recebi algumas mães na minha casa, com os filhos. E de vez em quando a gente fazia encontro. A gente chama de encontro dos irmãos – que não deixam de ser irmãos, mas ao mesmo tempo não são irmãos.

**Branca Vianna:** Os encontros dos irmãos ficaram suspensos durante a pandemia, mas agora elas já agendaram um pro final do ano. Vai ser num sítio perto de São Paulo.

**Claudia:** E parece que vai ser muito legal, assim. Então eu acho legal porque são todas mulheres sapatão, são todas lésbicas, né? Todas com filho. E além do fato deles serem irmãos consanguíneos, eu acho legal porque é como se fosse uma comunidade de mães com filhos, que é difícil da gente ter no nosso dia a dia. Lá onde eu moro não tem muitos casais de mulheres com filhos, entendeu?

**Bia Guimarães:** Então o grupo é muito maior que ele, assim. A figura dele às vezes está presente, às vezes não. Mas essa comunidade que se formou de

mães lésbicas, que não é algo que você encontra em qualquer lugar, então elas acabaram encontrando essa comunidade.

**Branca Vianna:** Se um dia a Cláudia estava lá toda constrangida na casa do Jocab, querendo que tudo acabasse o mais rápido possível, hoje ela faz parte dessa rede de apoio que surgiu da forma mais inusitada possível. Ela diz que é engraçado ver como as crianças se parecem muito com as mães, que são bem diferentes entre si. Mas aí, nesses encontros, vão aparecendo as semelhanças.

**Cláudia:** A gente consegue perceber detalhes que são parecidos umas das outras. Às vezes o olho é parecido no formato, às vezes o nariz, a maioria tem nariz parecido, o pé...

**Jocab:** Isso aqui é um vídeo curto.

**Ana Pinho:** Uau.

**Jocab:** Isso aqui é uma reunião, sei lá, uns quatro anos atrás.

**Ana Pinho:** De Natal, com a árvore de Natal atrás.

**Jocab:** Tudo filho ó.

**Bia Guimarães:** E foi na casa de uma das mães?

**Jocab:** É, deve ter uns 30 aí, 40... Eu aqui no meio, eu estou lá no meio.

**Ana Pinho:** Como você se sente vendo um vídeo desses?

**Jocab:** Ah, sinto feliz.

**Ana Pinho:** Você, Jocab, vai a favor dos seus genes. Você se considera uma pessoa feliz?

**Jocab:** Sim, posso morrer agora que eu morro feliz. Desse ponto de vista ideológico, né? Eu não estou tão feliz porque estou pobre, estou sem namorada.

**Branca Vianna:** No limbo jurídico onde a inseminação caseira vive, geralmente rola um acordo informal entre as partes. O doador promete que não vai entrar na justiça pra pedir o reconhecimento da criança contra a vontade da mãe. E a mãe promete que não vai entrar na justiça pra pedir pensão pro doador.

Mas não existe nada que garanta que esse acordo vai ser cumprido. O Jocax paga pensão pra alguns dos filhos que ele teve com ex-companheiras – no caso dos filhos que ainda são menores de idade. E ele sempre soube que tinha um risco das positivas tentarem conseguir esse direito também.

**Ana Pinho:** Mas quando a gente pergunta pra ele: "Mas, Jocax, 100 filhos, imagina se os 100 filhos te pedem pensão?"

**Jocax:** Muitas até pediram e eu tô pobre que nem marreco aqui. Sabe quanto que eu pago de pensão? 17.000 reais de pensão, por mês.

**Ana Pinho:** Pra filhos que você teve com a inseminação caseira também?

**Jocax:** Não, com todas. Eu tive dois de relacionamento, duas mulheres de relacionamento. Mais umas quatro de inseminação caseira.

**Bia Guimarães:** Que pediram na Justiça e ganharam o direito?

**Jocax:** Ganharam pensão.

**Branca Vianna:** A gente teve acesso ao holerite dele, que mostra a parcela do salário que foi direto pras pensões alimentícias. Em julho de 2023, foram quase 20 mil reais, somando as sete pensões que ele paga. O que significa que a maior parte do salário dele vai pra isso.

Uma parte dessas pensões ele pagaria de qualquer jeito, pros filhos que são fruto de relacionamentos que ele teve. A outra parte, os de inseminação, é o custo da escolha de vida que ele fez.

**Ana Pinho:** Jocax, essa busca pela imortalidade está acabando com a sua conta bancária...

**Jocax:** Tá acabando mesmo. Mas é uma coisa que vale a pena do meu ponto de vista, entendeu? Não mudaria nada se fosse pra ficar do jeito que eu estou agora, com um monte de filho, e na pobreza total.

**Branca Vianna:** Do que a Ana e a Bia puderam perceber indo na casa dele e vendo a situação em que ele vive hoje, parece mesmo que as coisas tão apertadas.

**Bia Guimarães:** Pra ele, isso é um custo até que baixo a se pagar pelo pelo que ele tá alcançando.

**Branca Vianna:** Sei...

**Bia Guimarães:** Então, se vier mais, que venha. E se outras mulheres entrarem para pedir pensão, paciência é...

**Branca Vianna:** É a ideologia dele.

**Bia Guimarães:** É, o mais importante pra ele é isso.

**Jocax:** É uma coisa instintiva, mas para mim também é uma coisa ideológica, entende? Mais que instintivo é ideológico. Eu sei que é importante porque é o que vai sobrar de você, entende? Então, pra mim, eu acho que tem o risco de pedir pensão, mas eu acho que é um risco que vale a pena correr. No meu ponto de vista.

**Bia Guimarães:** Mas tem uma coisa que eu senti que entristece um pouco ele. Que é que a demanda caiu muito. Se no auge dele, ele recebia duas tentantes por semana, hoje em dia é uma por mês.

**Branca Vianna:** Uma por mês, ou no máximo duas.

De 2015 pra cá, o Jocax percebeu que aumentou bastante a quantidade de doadores nesses grupos de inseminação caseira. Só com isso a concorrência já ficou mais acirrada.

Mas pode ser também que algumas tentantes joguem o nome do Jocax no Google e vejam que ele teve aquela denúncia de clínica clandestina. E aí decidam ir com outro doador.

E tem ainda o fator da idade. O Jocax já tá com 66 anos. E muitas tentantes vão preferir doadores mais jovens.

**Jocax:** De certa forma me entristece, eu queria ter mais. Mas eu não estou chorando por causa disso, porque já tive bastante. Não: já tive bastante, mas não O bastante. Já tive bastante.

**Branca Vianna:** Já a outra parte do problema, que é o fato do Jocax tá solteiro, ele tá tentando resolver. Mas não é fácil quando você tem uma história dessas na bagagem. Uma história que é complicada de contar pras mulheres com quem ele tá saindo, e mais complicada ainda de esconder.

**Bia Guimarães:** Em que momento da relação você conta pra ela? Tipo assim, eu tenho muitos e muitos filhos e essa é uma parte importante da minha vida.

**Jocax:** Então, é uma coisa que eu tenho que mudar de estratégia. Porque eu sou meio bocudo, eu conto muito logo e já assusta, entendeu? Deve assustar, né? Pô, 100 filhos. Como que vai fazer? E as pensões e não sei o que? É uma coisa...

**Bia Guimarães:** Você acha que as pessoas acham que você é meio louco?

**Jocax:** Louco, não. Mas meio, meio amalucado assim, vai. Não louco assim completo, mas meio doidinho.

---

**Branca Vianna:** Essa história foi apurada pela Ana Pinho, colaboradora aqui do Rádio Novelo Apresenta, e pela Bia Guimarães, que é produtora sênior da Rádio Novelo. A Ana foi produtora do outro podcast da Bia Guimarães e da Sarah Azoubel, o 37 Graus, que aposto que você conhece – mas, se não conhece, tá perdendo tempo! Corre lá pra ouvir tudo, todas as temporadas!

Logo que este episódio foi publicado, algumas ouvintes escreveram pra gente pra apontar que a gente não tomou o devido cuidado ao tratar de questões delicadas que envolvem o tema da reprodução assistida.

Em primeiro lugar, eu queria dizer, em nome de toda a equipe da Rádio Novelo, que a gente assume o erro e pede desculpas por isso.

Desde que essas críticas chegaram, a gente tem mergulhado na leitura sobre aspectos desse tema que passaram ao largo da pesquisa. A gente errou nisso, e gente promete redobrar os cuidados com as histórias que a gente veicula.

Nosso objetivo, aqui no Apresenta, é trazer histórias que ajudem a gente a enxergar o mundo de outro jeito – a gente concordando com ele ou não.

A gente queria que ficasse claro que essa história nunca foi pensada como uma apologia à inseminação caseira, nem uma crítica a ela.

A gente também não se propôs a esgotar o tema da inseminação caseira, nem mesmo a fazer uma cobertura ampla do assunto. A gente mirou numa história específica que a gente sentiu que podia abrir uma janela pra entender um universo diferente. É o que a gente costuma fazer no Rádio Novelo Apresenta.

Mas quem criticou a abordagem tinha toda a razão: faltou cuidado ao tratar essa história, porque é um assunto delicado – e muito incompreendido ainda – pra ser tratado sem ressalvas.

Uma crítica que chegou até a gente e que faz todo o sentido é que faltou esclarecer que doador não é pai.

Apesar de tanto o Jocax quanto algumas das mulheres que usaram o sêmen dele na inseminação caseira usarem as palavras "pai" e "filho" pra falar dessa relação, as pessoas que procuram um doador de sêmen não são procurando um pai pros filhos dessa gestação.

Eles procuram apenas a doação de material genético. Isso não é ser pai. Isso não cria vínculo familiar, assim como quem doa medula ou doa sangue não passa a ser parte da família de quem recebe a doação.

O acesso extremamente limitado à reprodução assistida via SUS e o altíssimo custo desse processo em clínicas particulares acaba deixando a reprodução assistida no Brasil mais frágil e sujeita a procedimentos pouco ortodoxos, como a gente viu aqui nessa história.

Mas a gente acabou sendo leviana ao tratar desse assunto só por esse ângulo de um grupo específico, sem fazer qualquer ressalva nem trazer qualquer contextualização sobre a dificuldade que é registrar filhos de relações entre pessoas do mesmo gênero – que dirá registrar a parentalidade de pessoas não-binárias.

Nenhuma família deveria precisar judicializar o processo de parentalidade.

A nossa intenção com essa história não é, de jeito nenhum, estigmatizar a dupla maternidade e a reprodução assistida de modo geral.

E obrigada por ficar com a gente até o final de mais um Rádio Novelo Apresenta. Essa semana, no post do episódio lá no nosso site, você pode ler a carta que o Jocax deixou pros cento e tantos filhos, e conferir uma imagem da árvore genealógica do Bicho de Pedra Azul.

E não esquece de contar pra gente o que você achou do episódio. A gente tá no Instagram e no Twitter, no arroba radionovelo. Se você quiser mandar uma sugestão de pauta, você já sabe: é só ir no nosso site, no menu, onde tem "envie uma pauta". Lá tem explicado como são as histórias que a gente procura, e que você pode mandar pra: [apresenta@radionovelo.com.br](mailto:apresenta@radionovelo.com.br).

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre. A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de

produto é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel. As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Júlia Matos e a Natália Silva. A checagem deste episódio foi feita pelo Bruno Lima e pela Marcella Ramos. Nesse episódio, a gente usou música original de Chico Corrêa e também da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound. O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro. O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais. O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.